

4. “O brincar e a realidade” (virtual)

“Tudo que não invento é falso” (Manoel de Barros)

Algumas pessoas, quando visitam um lugar pela primeira vez, ao invés de quererem conhecer a Torre Eiffel, caso estejam em Paris, ou o Cristo Redentor, caso estejam no Rio, preferem fazer programas “não turísticos”. Visitar os locais que o cidadão comum frequenta, ir aos mercados populares, comer a comida do dia-a-dia. Ao invés da feijoada, o feijão-com-arroz trivial; troca-se o fino da *nouvelle cuisine* pelas prosaicas *baguettes*.

Este tipo de viajante que dispensa os programas turísticos típicos de uma cidade, provavelmente assim o faz porque sabe que a alma de um povo está em seu dia-a-dia. O cotidiano do cidadão comum é algo que o define, que marca seu modo de ser, de pensar, de sentir. Em termos acadêmicos, diríamos que o cotidiano forja seu funcionamento subjetivo.

Se seguirmos esse raciocínio, podemos imaginar a mudança que alterações no dia-a-dia trazem para a vida das pessoas. Como lembra Nicolaci-da-Costa (2002a), grandes transformações de ordem subjetiva ocorreram a partir das alterações no cotidiano que a Revolução Industrial provocou. Essa revolução começou com o advento da máquina a vapor. A partir da invenção dessa máquina, deflagrou-se um processo irreversível de transformações econômicas, políticas, sociais e, finalmente, subjetiva.

Podemos dizer que algo análogo aconteceu com a Internet que, em 1995, tornou-se comercial no país. Há pouco mais de dez anos ela adentrou o lugar mais caro ao cotidiano das pessoas: seus lares. Como aconteceu com a máquina a vapor, a partir da difusão da Internet ocorreram muitas transformações nas esferas econômicas, políticas, sociais e subjetivas. Assim, a entrada da Rede no dia-a-dia, não só dos brasileiros, mas de muitos cidadãos médios do mundo afora, vem trazendo mudanças nos seus modos de pensar, de sentir, de agir, de se relacionar com outras pessoas.

Como toda mudança que atinge o cotidiano, ela vem sendo examinada constantemente por especialistas. No jornal, é comum profissionais de áreas de

saúde e de ciências humanas serem chamados a falar sobre as conseqüências do uso da Rede sobre crianças, jovens e adultos. Nos meios acadêmicos, muito vem sendo dito a esse respeito. Notadamente, como sinaliza Nicolaci-da-Costa (2002b; 2003), boa parte do que vem sendo publicado focaliza-se nos efeitos nocivos do uso intensivo da Internet.

Embora a preocupação com os prejuízos que o uso da Internet pode trazer para o sujeito seja bastante pertinente, meu foco neste capítulo é outro. Gostaria de chamar a atenção para outras possibilidades do uso da Internet, possibilidades positivas e enriquecedoras.

Essa vem sendo minha tentativa na presente tese. Meu objetivo, no entanto, não se limita a ressaltar as possibilidades menos nefastas do uso da Internet e das transformações subjetivas na atualidade. Minha intenção é fazer isso sem ter que recorrer às metáforas patológicas que tanto critiquei no segundo e terceiro capítulos. A idéia é falar de aspectos não-patológicos recorrendo a metáforas também não-patológicas, ao invés de percorrer o difícil caminho de despatologizar categorias patológicas.

Apesar de falar do sujeito atual sem recorrer à patologia parecer uma tarefa fácil, ela não é. Nisbet (1966), em outra época, já ressaltava que é muito difícil olhar o novo sem nostalgias. Nicolaci-da-Costa (2003), muitos anos depois, poderia concordar com ele, já que vem ressaltando o quanto é mais fácil encontrar visões catastróficas sobre o sujeito atual do que visões positivas. Não deve ser por acaso que, mesmo autores como Jameson (1997), Stone (1995) ou até Turkle (1997), que não se interessam pela patologia do sujeito atual, não conseguiram fugir dela.

A fim de destacar os aspectos positivos da subjetividade atual utilizando metáforas positivas, fui buscar inspiração em autores que, em outros tempos de mudança, buscaram esse caminho. Nesta busca deparei-me com D. W. Winnicott (1971; 1999), pediatra e psicanalista, que viveu entre 1896 e 1971³⁷.

Em um primeiro momento, pode parecer estranho escolher um pediatra e psicanalista tendo em mente um olhar positivo sobre a subjetividade. Tanto médicos quanto psicanalistas costumam ter como foco a doença. Se a doença fosse o único foco de Winnicott seria um contra-senso utilizá-lo aqui, a não ser

³⁷ Gostaria de ressaltar que, neste capítulo, aproprio-me de alguns conceitos de Winnicott de forma simplificada, tomando-os como fonte de inspiração para algumas reflexões. Com isso quero dizer que não estou partindo do ponto de vista da psicanálise para utilizar esses conceitos, mas de um ponto de vista quase leigo. Dessa forma, tenho ciência de que os conceitos que utilizo aqui são mais complexos do que aparecem no texto e, certamente, estão interligados com outros da obra de Winnicott que não serão contemplados.

como contraponto. O fato é que Winnicott, entretanto, fugiu à regra de muitos de seus colegas e não se deteve somente na patologia.

Winnicott viveu na Inglaterra e lá presenciou as duas Grandes Guerras. Ele pôde observar, portanto, momentos em que o cotidiano das pessoas sofreu profundas alterações. Posso inferir que, provavelmente, foi testemunha de muitas transformações subjetivas geradas por esses contextos bélicos.

Apesar dos contextos de guerra favorecerem, com razão, as visões pessimistas ou mesmo catastróficas acerca da vida como um todo, Winnicott pôde ter uma visão diferente em alguns momentos de seu trabalho. Em **O Brincar e a Realidade**, livro lançado no ano de sua morte, ele diz que:

“Podemos examinar a sociedade em termos das doenças (...) Não escolhi examinar a sociedade sob esse aspecto. Escolhi examiná-la *em termos de sua saúde*, isto é, em seu crescimento ou rejuvenescimento perpétuos, naturalmente a partir da saúde de seus membros, psiquiatricamente sadios.” (Winnicott, 1975, p. 190)

Essa escolha de Winnicott pela saúde o coloca, de fato, em uma posição muito diferente da maior parte de seus colegas psicanalistas. Ele, inclusive, diz que “a psicanálise não é um modo de vida. Sempre esperamos que nossos pacientes terminem a análise e nos esqueçam: e descubram que o próprio viver é a terapia que faz sentido” (Winnicott, 1975, p. 123).

Essa frase de Winnicott já nos dá pistas de um dos seus interesses: a vida. Acima, vimos também que ele se interessa pela saúde dos pacientes. Mesmo em seu trabalho com crianças refugiadas em Oxfordshire, podemos ver vestígios desse interesse de Winnicott.

No período da Segunda Guerra Mundial, havia na Inglaterra lugares que acolhiam crianças que, para sua própria segurança, eram separadas dos pais, muitas vezes por iniciativa destes. Como relata Salem (2006), “foi neste contexto que, em 1940, o psicanalista e pediatra Donald Winnicott foi indicado para ser o consultor psiquiátrico do Esquema de Evacuação do Condado de Oxford” (Salem, 2006, p. 87).

O trabalho com as crianças afastadas de sua família pela guerra foi fundamental na carreira de Winnicott, como informam Salem e Rodman (2003). Foi a partir dessa experiência, por exemplo, que Winnicott publicou uma série de artigos sobre a delinqüência e o comportamento anti-social. Segundo Rodman, biógrafo de Winnicott, as crianças que estavam nestes abrigos “não se ajustaram bem às condições dos tempos de guerra” (Rodman, 2003, p. 90) e tinham muitos problemas de comportamento.

Provavelmente o ambiente em que Winnicott se encontrava não era propício a grande otimismo. Ainda assim Winnicott pôde olhar para essas crianças com olhos, senão otimistas, no mínimo esperançosos. Segundo Salem, a confiança é um conceito central na obra de Winnicott. É a partir da confiança no ambiente que uma pessoa pode desenvolver-se de forma saudável. Em Oxfordshire, trabalhou com crianças que, por estarem longe de sua família, em lugares estranhos e muitas vezes pouco acolhedores, pareciam ter perdido a crença no ambiente. Ainda assim, procurou observar aquelas crianças que tentavam insistentemente recriar um ambiente em que pudessem confiar.

Se o olhar positivo de Winnicott ainda não fosse suficiente para tê-lo como inspiração para as reflexões que farei adiante, há também outra característica que torna Winnicott muito interessante. Refiro-me ao seu pensamento livre.

A esse respeito, Rodman narra um episódio em que Winnicott, em novembro de 1945, apresenta um artigo à *British Psycho-Analytical Society*. Ele inicia esse artigo dizendo que:

“Em primeiro, não devo fazer um apanhado histórico e mostrar o desenvolvimento de minhas idéias a partir das teorias dos outros, porque minha mente não funciona deste modo. O que acontece é que eu pego isso e aquilo, aqui e ali, me remeto à experiência clínica, formo minhas próprias teorias e aí, em último lugar, me interesse em ver de onde eu roubei o quê.” (Winnicott, citado por Rodman, 2003, p. 3)³⁸

Winnicott, como está exemplificado no trecho acima, foi um autor que tentou ter o espírito livre para olhar o mundo com os próprios olhos. Essa característica é muito interessante, principalmente em tempos de grandes mudanças. Como ressaltai acima citando Nisbet, épocas de grandes mudanças costumam suscitar a nostalgia do tempo que passou. Esse não parece ter sido o caso de Winnicott. Além disso, como vimos, em um tempo e lugar sob a ruína da 2ª Guerra, ele apostou na reconstrução. Esse espírito de liberdade e de reconstrução de Winnicott aparece bastante em **O Brincar e a Realidade**, que é a base desse capítulo.

Um dos temas principais de **O Brincar e a Realidade**, como o próprio título do livro indica, é algo que remete ao júbilo: o brincar. Tanto é que, para Winnicott, “*brincar, essencialmente, satisfaz*” (Winnicott, 1975, 77). O brincar de Winnicott, todavia, é algo bastante sério no que diz respeito à subjetividade. Além disso, o brincar faz parte de um conceito maior de suma importância para o

³⁸ “*I shall not give first a historical survey and show the development of my ideas from the theories of others, because my mind does not work that way. What happens is that I gather this and that, here and there, settle down to clinical experience, form my own theories and then, last of all, interest myself in looking to see where I stole what.*” (tradução minha)

desenvolvimento saudável do sujeito. Esse conceito maior que, obviamente, também me interessa neste capítulo, é o espaço potencial. Como explicarei abaixo, é o espaço potencial que possibilita o brincar, como Winnicott o define.

Escolhi descrever os conceitos de espaço potencial e do brincar de Winnicott não apenas porque eles remetem a idéias positivas, relativas à saúde e não à doença. Minha opção também se deu porque acredito haver uma possível correlação entre esses conceitos e a forma como alguns de meus entrevistados utilizam a Internet.

No que se segue, convido o leitor a viajar comigo pelo uso da Internet a partir das inspirações advindas dos conceitos de espaço potencial e do brincar winnicottianos. Para estabelecer a relação entre esses conceitos de Winnicott e a pesquisa que realizei, será necessário, primeiramente, explicar tais conceitos. Como costuma ocorrer com outros autores, para que a compreensão do espaço potencial e do brincar seja satisfatória, precisarei introduzir outros conceitos interligados, que veremos abaixo. Após a apresentação desses conceitos relacionarei o espaço potencial e o brincar com a pesquisa que realizei.

4.1. Montando o quebra-cabeça: uma possível definição de conceitos

Conforme afirmei acima, não é possível definir o espaço potencial e o brincar para Winnicott sem lançar mão de outras idéias do autor. Isso provavelmente acontece porque Winnicott não é um autor sistemático, isto é, ele se preocupa pouco em definir exaustivamente seus conceitos. Assim, ele pode, muitas vezes, apresentar a mesma idéia utilizando termos diferentes. Além disso, nem sempre ele tem o rigor de relacionar ordenadamente os conceitos entre si.

Apesar da falta de sistematicidade de Winnicott não diminuir seu brilhantismo, ela requer, por parte do leitor, algum esforço de compreensão. De certo modo, cabe ao leitor montar uma rede a partir dos conceitos winnicottianos. É isso que acontece, por exemplo, em relação aos conceitos de espaço potencial e do brincar. Além desses dois conceitos estarem interligados, para falar do espaço potencial e do brincar, Winnicott ainda adiciona outros conceitos. A relação entre tais conceitos e o espaço potencial e o brincar, no entanto, nem sempre é clara. Por isso, o que será visto abaixo é uma tentativa de montar uma espécie de quebra-cabeça. Cabe lembrar que, em alguns momentos, algumas

idéias poderão ser repetidas para que haja uma melhor compreensão dos conceitos de Winnicott.

No que se segue, apresentarei primeiramente o espaço potencial, que é um conceito mais abrangente, para depois chegar ao brincar. Na medida em que for necessário para a compreensão do espaço potencial e do brincar, incluirei também a definição de outros termos de Winnicott.

4.1.1. O espaço potencial

Além de ter exercido a profissão de pediatra por muitos anos, Winnicott também era psicanalista infantil, o que lhe deu muita experiência com crianças. As suas experiências com crianças e o fato de Winnicott ser psicanalista fizeram com que seu olhar se voltasse para as fases iniciais da vida de um ser humano. Para Winnicott, assim como para muitos psicanalistas, as experiências iniciais da vida são de extrema relevância para a vida adulta. Para ele, a primeira experiência de um ser humano no mundo tem uma ligação estreita com sua futura organização subjetiva. Essa primeira experiência é a relação entre a mãe e o bebê. É dessa relação que Winnicott parte para apresentar muitos de seus conceitos e com o espaço potencial isso não é diferente. Por isso, para chegarmos ao espaço potencial, é preciso abordar a relação mãe-bebê.

Segundo Winnicott (1975), quando o bebê nasce, ele se encontra em um estado de indiferenciação em relação à mãe. A mãe, Winnicott esclarece, não é necessariamente a mãe biológica do bebê, mas aquela pessoa que se dedica aos cuidados dele. Neste sentido, Winnicott diz que se trata mais de alguém que exerce uma função de mãe do que necessariamente aquela que é de fato a mãe. No entanto, ele segue utilizando a palavra mãe, farei o mesmo aqui.

Seguindo o raciocínio de Winnicott, se o bebê, neste momento inicial, ainda não tem capacidade de se distinguir da mãe, ele também não se diferencia do mundo³⁹. Com isso, não há ainda a constituição do que costumamos chamar de mundo interno e mundo externo. Tudo, neste momento, está mesclado, havendo apenas uma espécie de fusão mãe-bebê, isto é, eu-mundo.

³⁹ Sobre o suposto estado de indiferenciação inicial mãe-bebê, há atualmente uma polêmica. Alguns autores defendem a idéia de que não há de fato uma simbiose mãe-bebê, mas uma relação de continuidade subjetiva. Essa discussão, apesar de muito interessante, requer um grau de conhecimento e aprofundamento na teoria de Winnicott que não será possível nesta tese. Assim, apesar de ciente de tal debate, optei por utilizar o mesmo termo que Winnicott, tentado, assim, afastar-me o quanto possível desta discussão. Para um esclarecimento sobre o tema, ver Salem, 2006.

Se o bebê, todavia, nos primeiros momentos de vida, encontra-se indiferenciado em relação à mãe, sabemos que, em outro momento, haverá um sujeito constituído propriamente dito. Ou seja, em alguma época, haverá uma diferenciação entre o bebê e a mãe, entre ele e o mundo. Assim, diz Winnicott, chegará o tempo em que haverá um “mundo interno” e uma “realidade externa”.

Até esse ponto, muitos outros autores já tinham chegado antes de Winnicott. A diferença entre ele e os outros não está, portanto, na idéia de uma indiferenciação inicial mãe-bebê. O aspecto distintivo do raciocínio de Winnicott está no fato de que ele pensa em um terceiro espaço, em uma espécie de interseção entre o mundo interno e realidade externa.

Esse terceiro espaço é o **espaço potencial**. Como já foi mencionado, contudo, nem sempre ele utiliza a mesma palavra para se referir a um conceito. No caso do espaço potencial, isso se complica mais um pouco, pois se trata de um conceito amplo. Utilizando uma imagem bastante simplificadora, diria que, se o espaço potencial pudesse ser um círculo, dentro dele estariam vários outros conceitos. Desse modo, além de Winnicott muitas vezes utilizar espécies de sinônimos para o espaço potencial, como “terceira parte da vida de um ser humano” ou “área intermediária de experimentação”, ele ainda troca espaço potencial por algum outro conceito que estaria dentro do espaço delimitado pelo círculo imaginário. Como veremos abaixo, o espaço potencial pode aparecer como “o brincar” ou como “experiência cultural”, muito embora esses conceitos não sejam “o espaço potencial”, eles simplesmente ocorrem “no espaço potencial”. Nas palavras de Winnicott: “o lugar em que a experiência cultural se localiza está no *espaço potencial* existente entre o indivíduo e o meio ambiente (originalmente, o objeto). O mesmo se pode dizer do brincar.” (Winnicott, 1975, p. 139, ênfase do autor). Voltaremos ao brincar e à experiência cultural mais tarde.

Por enquanto, saindo um pouco das terminologias e voltando às definições, a relação mãe-bebê suscita uma importante pergunta: como, da relação de indiferenciação com a mãe, o bebê passa a possuir um mundo interno e, conseqüentemente, perceber uma realidade externa? O espaço potencial que, de acordo com Winnicott, é uma “área intermediária de experiência, incontestada quanto a pertencer à realidade interna ou externa (compartilhada)” e que “constitui a parte maior da experiência do bebê” (Winnicott, 1975, p.30) vem ajudar a responder a pergunta.

É a partir dessa área, que inicialmente está entre o bebê e a mãe, que poderá haver a constituição de um mundo interno e de uma realidade externa.

Isso não quer dizer, contudo, que, após haver a separação mãe-bebê, esse espaço desaparecerá. Ao contrário, de acordo com Winnicott, ele permanece como uma área importante para o sujeito por toda vida, como podemos perceber a partir da citação abaixo:

“De todo indivíduo que chegou ao estágio de ser uma unidade, com uma membrana limitadora e um exterior e um interior, pode-se dizer que existe uma realidade interna para esse indivíduo, um mundo interno que pode ser rico ou pobre, estar em paz ou em guerra.

Minha reivindicação é a de que, se existe necessidade desse enunciado duplo, há também a de um triplo: a terceira parte da vida de um ser humano, parte que não podemos ignorar, constitui uma área intermediária de experimentação, para a qual contribuem tanto a realidade interna quanto a vida externa. Trata-se de uma área que não é disputada, porque nenhuma reivindicação é feita em seu nome, exceto que ela exista como lugar de repouso para o indivíduo empenhado na perpétua tarefa humana de manter as realidades interna e externa separadas, ainda que inter-relacionadas.” (Winnicott, 1975, p. 15)

Através do trecho acima, percebemos que, ainda que o espaço potencial se constitua nos primeiros estágios da vida de um ser humano, ele não perde sua função ao longo da vida. Voltarei a essa questão da importância da manutenção do espaço potencial mais tarde. A fim de mantermos um mínimo de compreensão, tentarei seguir uma espécie de cronologia.

Agora, a pergunta que nos colocaremos é: como o espaço potencial se constitui? Em outras palavras, como se cria esse espaço entre a mãe e o bebê que ajudará o bebê a se constituir como ser separado da mãe, e, conseqüentemente, o fará ter um mundo interno separado de uma realidade externa? Para responder a essa pergunta, ou seja, para falar da constituição do espaço potencial, é necessário introduzir os conceitos de objeto transicional e de fenômenos transicionais.

4.1.2. Espaço potencial, objeto transicional e fenômenos transicionais

Já vimos que, de acordo com Winnicott, em um estágio inicial, o bebê encontra-se indiferenciado em relação à mãe. Muitas vezes, Winnicott também se refere a esse estágio como de extrema dependência do bebê em relação à mãe. É neste momento de dependência extrema do bebê que algo começa a se modificar rumo à separação mãe-bebê. Para que essa separação seja possível, segundo Winnicott, é preciso que um outro espaço, diferente do mundo interno e da realidade externa, se constitua. A criação desse espaço, o espaço potencial, começa com o objeto e os fenômenos transicionais. Desse modo, forçosamente

algumas características dos objetos e fenômenos transicionais coincidem com características do espaço potencial.

De acordo com Winnicott, é facilmente observável que os bebês, em determinada fase de seu desenvolvimento, têm o hábito de chupar o polegar ou mesmo levar as mãos à boca. Esses hábitos são o início de uma seqüência de eventos que terminam com uma relação especial do bebê com um determinado objeto. Este objeto pode ser um boneco, um brinquedo macio ou um pedaço de pano, por exemplo. Apesar de Winnicott ter o cuidado de afirmar que esse objeto do qual ele fala não deve ser cristalizado em uma imagem, ele mesmo dá um exemplo que se tornou emblemático. Refiro-me aqui ao cobertor de Linus, personagem de quadrinhos da turma do Charlie Brown, criada por Schultz. Nos quadrinhos, Linus invariavelmente aparece arrastando um cobertor, como muitas crianças pequenas fazem com bichinhos de pelúcia, travesseiros ou chupetas. Esse tipo de objeto, Winnicott chamou de objeto transicional.

Além ou ao invés dessa relação especial com um objeto, todavia, os bebês podem também desenvolver essa relação com uma música, por exemplo. Pode acontecer de um bebê acalmar-se sempre que escuta uma determinada melodia ou som. Experiências como essas do bebê acalmar-se com uma música, Winnicott chamou de fenômenos transicionais.

De forma simplificada, há poucas diferenças entre o objeto transicional e os fenômenos transicionais. A diferença principal é que o objeto é, de fato, algo concreto, como uma chupeta, um brinquedo ou pedaço de pano, enquanto que os fenômenos transicionais são abstratos, como uma música ou um som. No mais, Winnicott utiliza ambos os termos para falar das primeiras relações dos bebês com aquilo que é não-eu, ou seja, com aquilo que é parte da realidade externa. Vejamos de que forma isso acontece.

Voltemos ao bebê que, inicialmente, tem o comportamento de chupar o dedo ou a mão. Em determinado momento, podemos observar que, ao mesmo tempo em que ele leva uma mão à boca, ele acaricia um pedacinho de pano com a outra ou mesmo o leva à boca também. Se, para o observador, está claro que o bebê leva um objeto externo à boca ou o acaricia, o mesmo não ocorre com o bebê. Segundo Winnicott, para o bebê não há clareza se aquele objeto foi criado por ele ou se já estava lá. Ou seja, não há clareza se o objeto – ou o fenômeno – faz parte do bebê ou pertence à realidade externa.

É neste momento em que o bebê começa a estabelecer uma relação com algo que não faz parte do corpo dele, ou seja, um não-eu, que se inaugura o espaço potencial. De acordo com Winnicott, “o objeto transicional e os

fenômenos transicionais iniciam todos os seres humanos com o que sempre será importante para eles, isto é, uma área neutra de experiência que não será contestada.” (Winnicott, 1975, p. 28-9). Ainda segundo ele, o espaço potencial, inaugurado pelos objetos e fenômenos transicionais, é uma área “neutra” e, também, “não contestada”. Isso significa que é uma experiência sobre a qual nunca haverá uma pergunta do tipo: esse objeto foi criado por mim ou ele já fazia parte da realidade? Essa será uma experiência que sempre ficará entre o que faz parte do sujeito, o seu mundo interno, o mundo das suas fantasias, e a realidade externa. Ainda assim, o bebê pode ter a ilusão de que foi ele quem criou esse objeto. Essa ilusão será importante para, mais tarde, ele desenvolver sua criatividade.

A área inaugurada pelos objetos e fenômenos transicionais também é neutra porque ela não está nem no controle absoluto do bebê e, posteriormente, do sujeito e nem totalmente fora de seu controle. Ou seja, ela não é como um sonho ou uma fantasia, mas também não é como a realidade externa. Assim, o espaço potencial permite um certo alívio para o sujeito, que não precisa ver-se entre as exigências da realidade e as exigências de seu mundo interno. Sobre isso, Winnicott diz que:

“Presume-se aqui que a tarefa de aceitação da realidade nunca é completada, que nenhum ser humano está livre da tensão de relacionar a realidade interna e externa, e que o alívio dessa tensão é proporcionado por uma área intermediária de experiência (...). que não é contestada (artes, religião, etc). Essa área intermediária está em continuidade direta com a área do brincar da criança pequena que se ‘perde’ no brincar.” (Winnicott, 1975, p. 29)

Aqui, Winnicott já adianta que há uma relação direta entre o espaço inaugurado pelos objetos e fenômenos transicionais e o brincar. Antes de chegarmos lá, contudo, gostaria de dizer mais algumas palavras sobre esse espaço.

Como ressaltai anteriormente, Winnicott chama o espaço potencial de “área intermediária” e, algumas vezes, de “terceira área do viver”. O nome “terceira área” pode dar a impressão de que o espaço potencial vem depois que o mundo interno e a realidade externa existam para o sujeito. Essa é uma falsa impressão, pois, como vimos, são os objetos e fenômenos transicionais que inauguram o espaço potencial, que, por sua vez, permitirá, mais tarde, a diferenciação eu-mundo por parte do bebê. Desse modo, o início do espaço potencial é uma transição entre um estágio de fusão com a mãe para um estágio de separação que culminará com a diferença entre o mundo interno e a realidade externa. Nas palavras de Winnicott: “Não é o objeto, naturalmente, que

é transicional. Ele representa a transição do bebê de um estado em que este está fundido com a mãe para um estado em que está em relação com ela como algo externo e separado.” (Winnicott, 1975, p. 30)

A palavra transicional aplica-se tão bem a esse momento inicial do espaço potencial que muitos autores chamam-no de “espaço transicional”, embora esse não seja um termo criado por Winnicott.

Já havia mencionado que, após a primeira função do espaço potencial estar cumprida, ou seja, após a separação mãe-bebê, esse espaço continua existindo como uma área que Winnicott chamou de “neutra”. Esse espaço neutro, no entanto, não será mais o espaço dos objetos e fenômenos transicionais. Do espaço potencial, segundo Winnicott, farão parte as artes, a religião (que são exemplos do que ele chama de experiências culturais) e, especialmente, o brincar. Para Winnicott, “há uma evolução direta dos fenômenos transicionais para o brincar, do brincar para o brincar compartilhado, e deste para as experiências culturais” (Winnicott, 1975, p. 76). Voltemos nossa atenção, portanto, para o brincar.

4.1.3. O brincar e a criatividade

O primeiro aspecto que gostaria de ressaltar sobre o brincar, é que este não é um conceito restrito ao mundo infantil. Ainda que seja uma palavra ligada a esse mundo e ainda que Winnicott tenha voltado grande parte de seu trabalho para as crianças, o brincar não é exclusivo delas. Para Winnicott, “o que quer que se diga sobre o brincar de crianças aplica-se também aos adultos.” (Winnicott, 1975, p. 61). Nos adultos, no entanto, o brincar manifestar-se-á de outras formas como, por exemplo, no senso de humor, nas atividades de lazer, no jogo, etc. Além disso, como já foi dito acima, assim como os objetos e fenômenos transicionais evoluirão para o brincar, o brincar também evolui para as experiências culturais, como as artes e a religião.

Sobre o brincar, Winnicott chama a atenção para a “importância, tanto na teoria quanto na prática, de uma terceira área, a da brincadeira, que se expande no viver criativo e em toda a vida cultural do homem.” (Winnicott, 1975, p. 142). Neste trecho, Winnicott, além de estabelecer a ligação entre a brincadeira e a experiência cultural, menciona a terceira área, essa que está “entre o subjetivo e o que é objetivamente percebido” (Winnicott, 1975, p. 75). Assim, “essa área do brincar não é a realidade psíquica interna. Está fora do indivíduo, mas não é o

mundo externo.” (Winnicott, 1975, 76-77). Em outras palavras, a área do brincar é o espaço potencial. Novamente nas palavras de Winnicott:

“(…) enquanto a realidade psíquica interna possui uma espécie de localização na mente, no ventre, na cabeça ou em qualquer outro lugar dentro dos limites da personalidade do indivíduo, e enquanto a chamada realidade externa está localizada fora desses limites, o brincar e a experiência cultural podem receber uma localização caso utilizemos o conceito do espaço potencial existente entre a mãe e o bebê.”(Winnicott, 1975, p. 79)

A princípio, pode parecer estranho pensar que o brincar não pertence nem ao mundo interno, nem à realidade externa, mas ao espaço potencial. Winnicott, todavia, fornece um exemplo relativo ao nosso brincar, o brincar dos adultos. Vejamos:

“Por exemplo, o que estamos fazendo enquanto ouvimos uma sinfonia de Beethoven, ao visitar uma galeria de pintura, (...) ou jogando tênis? Que está fazendo uma criança quando fica sentada no chão sob a guarda de sua mãe? Não é apenas: o que estamos fazendo? É necessário também formular a pergunta: onde estamos (se é que estamos em algum lugar)? Já utilizamos os conceitos de interno e externo e desejamos um terceiro conceito. Onde estamos, quando fazemos o que, na verdade, fazemos grande parte do nosso tempo, a saber, divertindo-nos? (...) Podemos auferir algum proveito do exame desse tempo que se refere à possível existência de um lugar para o viver, e que não pode ser apropriadamente descrito quer pelo termo ‘interno’, quer pelo termo ‘externo’?” (Winnicott, 1975, p. 147)

Como podemos ver acima, para Winnicott, o brincar relaciona-se, muitas vezes, com o júbilo. Não é à toa que os exemplos que ele cita são de atividades de lazer, como ouvir música ou jogar. No início do capítulo eu já havia mencionado que, para o autor, o brincar satisfaz. O brincar, contudo, não remete somente ao júbilo, mas, também, à saúde, ou seja, ao contrário do que é patológico. Sobre isso, Winnicott diz que “(...) é a *brincadeira que é universal* e que é própria da saúde: o brincar facilita o crescimento e, portanto, a saúde (...)” (Winnicott, 1975, p. 63, ênfases do autor). Mais que isso, ele diz que “é com base no brincar, que se constrói a totalidade da existência experiencial do homem” (Winnicott, 1975, p. 93)

Ou seja, para Winnicott, o brincar não só faz parte da saúde, mas também pode ser aquilo que dá ao sujeito um sentido de existência. Em outras palavras, através do brincar o sujeito pode sentir que é um ser no mundo, que existe, que está vivo. Esse sentimento de estar vivo faz parte de um aspecto do brincar ao qual Winnicott dá muito destaque: a criatividade.

A criatividade é um conceito de Winnicott, que, assim como ocorre com o espaço potencial, por vezes se encontra muito próximo a outro conceito. Neste caso, a criatividade está muito próxima do brincar. Assim, algumas vezes o que

Winnicott fala sobre brincar ele também fala sobre a criatividade e vice-versa. É preciso ficar claro, todavia, que a criatividade é um aspecto do brincar, uma “importante característica do brincar” (Winnicott, 1975, p. 79). De acordo com o próprio Winnicott, “é no brincar, e talvez apenas no brincar, que as crianças ou o adulto fruem sua liberdade de criação” (Winnicott, 1975, p. 79). Mais adiante, ele continua dizendo que “é no brincar e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo” (Winnicott, 1975, p. 80). Assim, sem o brincar não há criatividade. Mas, por que a criatividade nos interessa aqui?

A criatividade interessa porque é a partir dela que Winnicott desenvolve dois aspectos fundamentais do brincar: a vontade de viver e a saúde, a que me referi acima.

Em seu livro **Tudo Começa em Casa**, Winnicott (1999) define a criatividade a partir da vontade de viver: “seja qual for a definição a que chegemos, ela [a criatividade] deve incluir a idéia de que a vida vale a pena (...) ser vivida” (Winnicott, 1999, 23). Em **O Brincar e a Realidade** (1975), ele afirma que a criatividade é uma espécie de “colorido de toda a atitude com relação à realidade externa.” (Winnicott, 1975, p. 95). Já no que diz respeito à saúde, Winnicott afirma que “viver criativamente constitui um estado saudável” (Winnicott, 1975, p. 95).

Por dizer respeito à saúde e à vontade de viver, a criatividade (e, conseqüentemente, o brincar) é fundamental, não só nos estágios iniciais da vida, mas, também na vida adulta. Isso significa dizer que, para haver saúde e vontade de viver, segundo Winnicott, é preciso que haja a manutenção do brincar e da criatividade durante toda a vida do sujeito. Para que possa haver o que ele chama de “viver criativo”, é preciso, para Winnicott, que se preserve “algo de pessoal, talvez algo secreto, que é inconfundivelmente você mesmo” (Winnicott, 1999, p. 27).

Aparentemente, pode ser simples a manutenção do brincar ou, se quisermos ampliar esse termo, do viver criativo, mas não é. Nem todos os seres humanos vivem criativamente, diz Winnicott. De acordo com ele, há seres humanos que apenas reagem a estímulos, às exigências do mundo, mas não agem. E a criatividade e o brincar exigem uma ação, não uma mera reação. Eles exigem um impulso. Nas palavras de Winnicott:

“Por ‘viver criativamente’ não estou querendo dizer que alguém tenha que ficar sendo aniquilado ou morto o tempo todo, seja por submissão, seja por reagir àquilo que o mundo impinge. Estou me referindo ao fato de alguém ver tudo como se fosse a primeira vez.” (Winnicott, 1999, p. 25)

Apesar do viver criativo requerer um olhar novo, como vimos no trecho acima, ele não requer algo mirabolante, diz Winnicott. O viver criativo, ele faz a ressalva, não pode ser confundido com arte criativa. A arte criativa, como sabemos, é reservada para poucos. Não é qualquer pessoa que tem a capacidade de compor como Beethoven ou de pintar como Monet. Quanto ao viver criativo, muitos podem não fazê-lo, mas não porque seja necessário um dom específico. Sobre isso, Winnicott argumenta que:

“(...) para uma existência criativa não precisamos ter nenhum talento especial. Trata-se de uma necessidade universal, de uma experiência universal, e mesmo os esquizofrênicos retraídos e aprisionados ao leito podem estar vivendo criativamente uma atividade mental secreta e, portanto, em certo sentido, feliz.” (Winnicott, 1999, p. 28)

Através dos fragmentos citados acima, podemos notar o quanto o viver criativo é importante para a saúde e, por que não dizer, para a felicidade do sujeito. Não há, todavia, possibilidade do viver criativo sem o brincar e sem o espaço potencial. Isso porque a criatividade faz parte do brincar e o brincar, por sua vez, ocorre no espaço potencial, essa área neutra intermediária da realidade e do mundo interno. A partir daí concluímos que, quanto mais possibilidades o sujeito puder abrir para que ocorra o brincar e, assim, o viver criativo, mais próximo da saúde e da vida ele estará.

Conforme afirmei no início deste capítulo, descrições positivas sobre a subjetividade me interessam. Acredito que, neste sentido, Winnicott é uma grande inspiração e por isso o escolhi. Afinal, há poucas coisas em que posso pensar que sejam mais positivas do que a saúde e do que a vontade de viver. No que se segue, tentarei relacionar os conceitos de Winnicott que apresentei aqui e a pesquisa relatada no capítulo 2.

4.2. Um olhar para a Internet inspirado em Winnicott

No início deste capítulo, afirmei que há uma tendência de se exaltar as conseqüências negativas do uso da Internet para o sujeito atual. Baudrillard (2000), por exemplo, crê que as novas tecnologias, especialmente a Internet, criam uma realidade virtual que “assassinam” o real. Ou seja, para ele, a Rede cria uma falsa realidade que serve para cegar e confundir os sujeitos, que ficam imersos em um mundo caótico e sem sentido.

No Brasil, Birman (1997), em um texto escrito a partir do filme **Denise Está Chamando**, de Hal Salwen, reforça a idéia do quão solitário e patológico pode ser o uso da Internet para o contato interpessoal. Para o autor, esse tipo de

comunicação à distância pode substituir o contato físico entre as pessoas, o que seria, obviamente, nefasto.

Alguns dos sujeitos que entrevistei em minha pesquisa provavelmente concordariam com Birman e Baudrillard. Muito embora só tenha entrevistado sujeitos que utilizassem a Internet para interagir com outras pessoas, no capítulo 2, em que apresentei minha pesquisa, vimos que havia sujeitos que viam a Internet com muita desconfiança. Esses sujeitos pertenciam ao grupo que, recordemos, achavam que relações iniciadas na Rede só poderiam levar à mentira e à superficialidade. Acreditavam que, como a Internet permitia o completo anonimato das pessoas, era muito difícil que uma relação iniciada nestes termos pudesse levar à intimidade ou confiança. Esses entrevistados, acreditam que a Internet, portanto, não propicia um espaço acolhedor e interessante, no que diz respeito às relações intersubjetivas. A Rede, para esses sujeitos, é uma espécie de telefone, feita para fins de comunicação, mas sem nenhuma outra função especial.

A partir das definições que apresentei de Winnicott, poderia dizer que esses entrevistados dos quais falo não brincam na Internet. Eles não brincam porque a Internet não traz nada de renovador para eles, não os abstrai da realidade externa, não os deixa absortos, não é, portanto, um espaço “neutro”.

Este primeiro, todavia, não era formado pela maioria dos meus entrevistados. O grupo do qual faziam parte muitos dos entrevistados e que é aquele no qual venho me detendo neste trabalho é o segundo. A partir do que me disseram os entrevistados deste grupo, creio que a Internet pode servir para muito mais do que simples comunicação. A idéia aqui é tentar mostrar que, para alguns sujeitos, a Rede pode servir como um espaço potencial. Desta forma, a Rede seria um local intermediário, diferente da realidade externa e diferente do mundo interno. A partir daí poderia dizer que, para esses sujeitos, a Internet seria um espaço para o brincar criativo, tal qual Winnicott o concebeu.

Seguindo uma ordem análoga àquela que segui para apresentar os conceitos de Winnicott, começarei pelo espaço potencial para, posteriormente, chegar ao brincar criativo.

4.2.1. Vivendo na fronteira: a realidade virtual e o espaço potencial

A analogia entre o espaço potencial winnicottiano e a realidade virtual não é original. Muylaert (1998), por exemplo, em sua dissertação de mestrado, compara o “ciberespaço” ao “espaço transicional”. Ela afirma que o ciberespaço,

por ser “meio dentro, meio fora, (...) público e ao mesmo tempo privado” (Muylaert, 1998, p. 78) assemelha-se ao “espaço transicional”. A idéia de que a Internet está “entre” algo, que pode ser uma realidade, mas não tal qual a realidade externa parece a primeira via de comparação com o espaço potencial. De fato, podemos seguir por esse caminho, mas não sem uma explicação um pouco mais consistente. Ou seja, se pretendemos afirmar que a Internet pode servir de espaço potencial para alguns sujeitos, é necessário aprofundar as semelhanças entre os dois espaços: o virtual e o potencial. Para isso, recorrerei à pesquisa que realizei.

Relembrando a pesquisa apresentada no capítulo 2, nela havia alguns sujeitos que tinham uma relação muito especial com a Internet. Quinhodantas, por exemplo, dizia que na Rede não há como obter referências palpáveis da pessoa que está do outro lado da tela. Essa falta de referências, que causava tanto temor aos sujeitos do primeiro grupo, parece interessante para alguns entrevistados. Segundo Quinhodantas, na Rede “tudo pode acontecer”. Isso porque a falta de referências dá ao sujeito uma certa liberdade de fantasia. Há lacunas entre o que o outro diz na Internet e o que é possível averiguar. Essas lacunas serão preenchidas justamente pela imaginação do interlocutor. Talvez essa falta de referências gere uma liberdade de ação na Rede. O que essa liberdade de ação pode ter a ver com o espaço potencial?

Lembremos que a importância de o espaço potencial estar entre a realidade externa e o mundo interno é sua capacidade de ser neutro. Ou seja, é a sua capacidade de, não sendo nem uma coisa sem outra, estar livre de tensões. Em outras palavras, o espaço potencial está livre das exigências da realidade sem, ao mesmo tempo, estar sob o total controle do mundo interno. Fiquemos por enquanto com a primeira parte, a que diz respeito às exigências da realidade. A Internet, ao que parece, permite facilmente que as exigências da realidade fiquem muito diminuídas. Voltando aos meus entrevistados, essa diminuição das exigências da realidade ficam claras quando Morpheus define realidade virtual. Para ele, lembremos, a realidade virtual é um mundo em que ele controla todas as variáveis. Em determinado momento, ele diz que se quem está do outro lado da tela é um amigo “real”, a Internet é como um telefone, ou seja, serve para a comunicação “normal”, segundo ele. Já se do outro lado está um amigo virtual, ele diz que “vira um mundo de fantasia”.

Escolhi Morpheus para começar ilustrando a falta de exigência da realidade que a Internet pode propiciar porque seus depoimentos são muito impactantes. Para ele, na Internet é possível “controlar todas as variáveis”.

Pode-se argumentar, todavia, que, na fala de Morpheus, a Internet parece tão alheia à realidade que se assemelharia mais ao mundo interno, ao “mundo de fantasia” do que ao espaço potencial.

Acredito, no entanto, que Morpheus apenas tem a ilusão, tal qual o bebê em relação ao objeto transicional, de que tudo que se passa com ele na Rede é sua criação. Vejamos como chego a essa conclusão.

A grande maioria dos sujeitos que entrevistei diz que o que mais gosta de fazer na Internet é conversar com outras pessoas, isto é, interagir, relacionar-se. Vimos que, se essa relação começa na Internet, há uma liberdade de criação e de fantasia muito grande. Todavia, muito grande não significa total. O controle de todas as variáveis sonhado por Morpheus não pode ser possível simplesmente por um fator: nos *chats*, há uma pessoa do outro lado da tela. Dessa forma, por mais que Morpheus fantasie acerca de quem está do outro lado, ainda assim seu devaneio encontra alguma resistência. O outro diz coisas, desperta emoções no seu interlocutor, age como quer, isto é, não está à mercê das fantasias de ninguém.

Desta forma se, por um lado, o anonimato da Internet possibilita um laço mais frouxo com a realidade externa, por outro, a fantasia tem um freio a partir do contato com o outro. Por isso defendo que, para alguns sujeitos, a Internet pode propiciar este estado intermediário que é o espaço potencial. O sujeito nem está na realidade externa, nem em seu devaneio. Talvez, então, o sujeito possa sentir-se no espaço neutro do qual fala Winnicott.

Conforme expliquei acima, o espaço potencial é neutro porque é um espaço que não é nem controlado pelo mundo interno do sujeito nem está sob as pressões da realidade externa. Assim, ele é um espaço em que as tensões encontram-se reduzidas.

Se observarmos o uso que Sr. Mistério faz da Rede, podemos pensar que a Internet talvez sirva para ele como espaço potencial. Sr. Mistério, como alguns outros entrevistados, afirma que na Internet sua ansiedade é reduzida. É justamente a partir dessa redução de ansiedade que ele consegue, na Rede, “encontrar soluções comportamentais bem melhores do que na vida real.” Quinhodantas, utilizando outras palavras, também parece ver a Rede como um local mais livre de tensões. Ele diz que quando está em um *chat* na Internet, sente-se menos tolhido para abordar as pessoas.

Sr. Mistério fala em “ansiedade reduzida” e Quinhodantas diz que se sente “menos tolhido” na Internet. A meu ver, o que esses entrevistados dizem contribui para a idéia de que a Rede pode servir como espaço potencial, esse

espaço neutro que permite uma experimentação livre das tensões entre o mundo interno e a realidade externa.

Se é factível o que estou tentando sustentar, ou seja, se a Internet pode, para alguns sujeitos, exercer a função de espaço potencial, isso significa que ela pode ser um lugar para o brincar. Isso porque, como vimos, Winnicott, “a fim de dar um lugar ao brincar”, postulou “a existência de um *espaço potencial* entre a mãe e o bebê” (Winnicott, 1971, p. 63). Vejamos, então, se e como é possível brincar na Internet.

4.2.2. O brincar e a realidade virtual

Na pesquisa que realizei, um dos critérios de recrutamento de meus sujeitos era que eles utilizassem a Internet para o lazer. Eles poderiam, obviamente, utilizar a Rede para o trabalho, mas era imprescindível que gastassem parte de seu tempo nela se divertindo. A fim de assegurar esse critério, ainda entrevistei pessoas que faziam uso de programas destinados ao popular bate-papo.

Lazer, segundo Houaiss (2006), ela vem do arcaico “lezer”, que significa “ócio, passatempo”. Já “passatempo” tem como significados, entre outros, “lazer, recreação, distração, jogo, brincadeira”. A partir desses significados, poderíamos equivaler o lazer à brincadeira. Exercer uma atividade de lazer pode ser equivalente, portanto, a brincar.

De fato, alguns de meus entrevistados, brincam na Internet. Margot é uma entrevistada que parece claramente estar brincando na Rede. Ela chega a dizer que no *chat* exercita seu lado criança, em que pode ser mais criativa. Além de Margot, podemos lembrar de Sr. Mistério e os personagens que criava e “matava”. Ele dizia que seu personagem White “era meio chato, matei-o sem muita dó”. Depois dizia que matar Grouxo causou-lhe “alguma tristeza”, mas ele mesmo “já não agüentava mais o radicalismo anárquico do sujeito”. Apesar de Sr. Mistério não ser explícito como Margot nesta fala, ler um relato seu é quase equivalente a ver uma criança brincando, ou, como diz Winnicott, uma criança “que se perde no brincar” (Winnicott, 1975, p. 29).

Se parece claro que os sujeitos de minha pesquisa brincam na Internet é preciso lembrar, no entanto, que o brincar de Winnicott vai além da diversão e do enlevamento que uma atividade jubilosa proporciona. Como vimos acima, o brincar tem relação com a criatividade.

Creio que, a partir fala de alguns de meus entrevistados, podemos inferir que eles experimentam a criatividade. Margot, por exemplo, parece sentir-se criando algo de novo em sua vida a partir do contato com a Rede. Algumas vezes, inclusive, surpreende-se com suas próprias atitudes. Sobre um presente que ela deu a uma amiga da Internet, ela contou que: “na amizade real, acho que não teria esta criatividade...risos” Isso é importante, pois, segundo Winnicott, “quando surpreendemos a nós mesmos, estamos sendo criativos e, descobrimos que podemos confiar em nossa inesperada originalidade” (Winnicott, 1999, p. 36).

É sendo criativo, ou melhor, é através do brincar criativo que é possível um olhar novo sobre o mundo, que é possível a ilusão de que se tem “a capacidade de criar o mundo” (Winnicott, 1999, p. 24). Novamente lembro de Margot, para exemplificar a possibilidade de criação que a Internet pode proporcionar. Nas palavras dela: “Acho que resgatei na internet um lado adolescente de querer conhecer, quebrar a rotina do dia a dia. Estar fazendo coisas novas (...) Uma vez falei (...) que a internet é fática...risos...eu pelo menos me sinto assim...poderosa...risos”

Talvez o poder que Margot sinta quando usa a Internet seja justamente essa sensação de que é capaz de criar o mundo, a ilusão, lembrando Quinhodantas, de que “tudo pode acontecer”. O poder que ela sente, essa potência, pode até mesmo ser experimentada como onipotência, como parece acontecer com Morpheus, que acha que controla todas das variáveis. Essa ilusão de onipotência, todavia, é uma característica fundamental da criatividade, como vimos acima.

Há ainda outra característica da criatividade e, conseqüentemente, do brincar, que destaquei na seção dedicada aos conceitos de Winnicott. É exercendo a criatividade vinda do brincar que o sujeito encontra uma via de saúde para a vida. Lembremos que, para Winnicott, o brincar dá ao sujeito a sensação de que ele existe, que está vivo.

Acredito que seja mais ou menos isso que acontece, por exemplo, com Quinhodantas quando ele está na Internet. Afinal, ele diz que na Rede sente-se mais à vontade para ser ele mesmo. Margot e Sr. Mistério, apesar de não serem explícitos quanto isso, também parecem experimentar formas de ser na Rede muito interessantes. Seus relatos são indubitavelmente muito cheios de vida e de vibração. Assim, posso inferir que a Internet proporciona, ao menos para alguns sujeitos, algo bastante fundamental, segundo Winnicott: um lugar para o viver criativo, um lugar para se sentir vivo e, quem sabe, até mesmo, feliz.

4.3. A fé no que virá

Neste capítulo, ao invés de me contrapor a alguns autores, como fiz nos anteriores, utilizei um autor como inspiração para minhas reflexões. Essa diferença se deu porque encontrei em Winnicott um autor muito especial. Ele não só escreveu sobre o brincar e sobre a criatividade, mas, também, seus textos possuem a vivacidade própria de seus conceitos. Seu método, como disse no início do capítulo, não é sistemático. Isso, por um lado, exige mais do leitor, mas, por outro, permite a esse leitor uma liberdade de montar seu próprio quebra-cabeça. Talvez essa fosse a intenção de Winnicott: fazer seus leitores pensarem, já que como relata o biógrafo Rodman (2003), Winnicott tentou ser um livre pensador.

Assim, a partir de **O Brincar e a Realidade**, pude mais uma vez, tentar olhar para as conseqüências subjetivas do uso da Internet de uma forma positiva. Tentei mostrar, a partir dos conceitos de espaço potencial e do brincar de Winnicott, que o uso da Internet pode ser diferente do que se circula muitas vezes na mídia e no meio acadêmico. Se na Internet pode haver vício, patologias, usos perversos, é importante apostar que pode haver também espaço para saúde e para a vida. E, repito, Winnicott é um excelente autor para se pensar na saúde e na vida.

Os olhares patológicos e negativos acerca da realidade virtual e, também, da realidade externa, são extremamente relevantes para a construção de olhares críticos e não ingênuos da realidade. Para que as críticas se transformem em positividade, é preciso, no entanto, que se aposte na renovação. No caso da realidade virtual, creio que pensar que ela pode servir de espaço potencial e que, assim, seja um lugar do brincar e da criatividade é apostar nessa renovação.

O capítulo que se segue mantém o espírito que acaba aqui. No capítulo 3, tratei da experiência da multiplicidade e, no presente capítulo, da Internet como espaço potencial e, portanto, um espaço para o brincar. No que se segue tentarei responder o quê, na Internet, possibilita a expressão da multiplicidade e do brincar criativo.